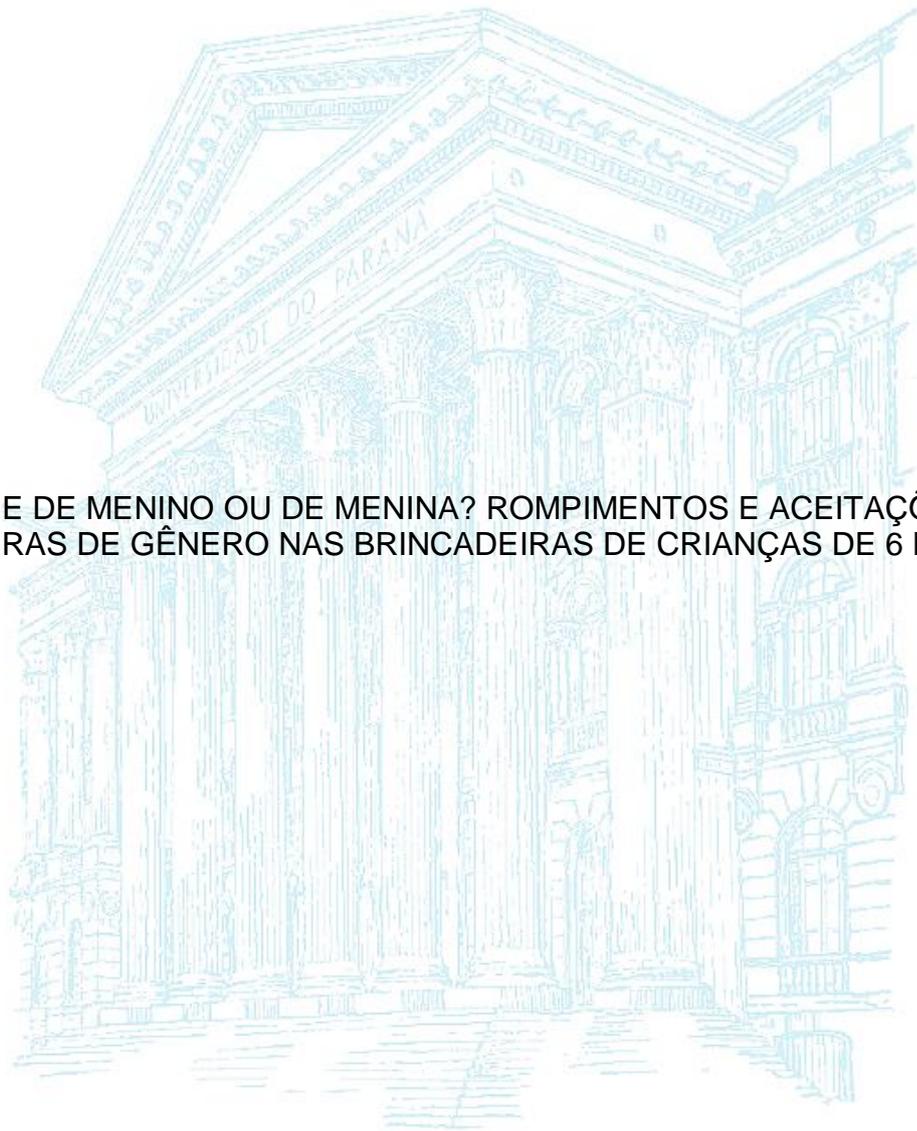


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GILIANE DUARTE DE ALMEIDA

ESCOLHE DE MENINO OU DE MENINA? ROMPIMENTOS E ACEITAÇÕES DAS  
FRONTEIRAS DE GÊNERO NAS BRINCADEIRAS DE CRIANÇAS DE 6 E 7 ANOS



SÃO PAULO  
2016

GILIANE DUARTE DE ALMEIDA

ESCOLHE DE MENINO OU DE MENINA? ROMPIMENTOS E ACEITAÇÕES DAS  
FRONTEIRAS DE GÊNERO NAS BRINCADEIRAS DE CRIANÇAS DE 6 E 7 ANOS

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Rosa Frugoli

SÃO PAULO  
2016

# ESCOLHE DE MENINO OU DE MENINA? ROMPIMENTOS E ACEITAÇÕES DAS FRONTEIRAS DE GÊNERO NAS BRINCADEIRAS DE CRIANÇAS DE 6 E 7 ANOS

Giliane Duarte de Almeida<sup>1</sup>; Rosa Frugoli<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente estudo reflete questões de gênero e educação. Analisa rompimentos e aceitações das fronteiras de gênero nas brincadeiras de crianças de 6 e 7 anos, identificando se alunos do 1º ano do ensino fundamental aceitam as fronteiras de gênero determinadas pela sociedade. Por meio de método qualitativo e quantitativo, analisou-se 118 crianças, sendo 62 meninos e 56 meninas em aulas de Educação Física. Situações propositais foram colocadas para identificar manifestações de comportamentos dos discentes conforme suas atitudes e opções de brincadeiras. Constatou-se em porcentagem, que os rompimentos ocorrem em maior número com meninos do que meninas; que parte dos alunos quando presenciavam outra criança rompendo os padrões socialmente determinados de escolha de brincadeiras revelam atitudes de rejeição a este fato e justificam com conteúdos sexistas; que há crianças que rompem sem se importar com o que os colegas manifestam; e que um percentual de crianças manifesta receio nas opções da brincadeira e tentam disfarçar que estão rompendo os padrões esperados. Conclui-se a necessidade de se trabalhar questões de gênero na escola revisando conteúdos estereotipados estabelecidos na sociedade.

**Palavras-chave:** brincadeiras, conflitos de gênero; escola;

**ABSTRACT:** This study reflects gender issues and education. Analyzes disruptions and acceptances the boundaries of gender in children's play 6 and 7 years identifying whether students of the 1st grade of elementary school accept the boundaries of gender determined by society. Through qualitative and quantitative method, analyzed 118 children, 62 boys and 56 girls in physical education classes. Purposeful situations were put to identify manifestations of behaviors of students as their attitudes and play options. It was found in percent, that disruptions occur in more with boys than girls; that the students when they see another child breaking the socially determined patterns of choice of games rejection reveal attitudes to this fact and justify with sexist content; that there are children that break no matter what colleagues manifest; and that a percentage of children expressed fear in the play options and try to disguise that are

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Educação Física pela UNINOVE (2009), especialização em Educação Física Escolar pela FMU (2012), especialização em Docência do Ensino Superior pela UNINOVE (2014), graduação em Pedagogia pela UNINOVE (2014), especialização em gênero e diversidade na escola pela UFPR (2016). Professora de Educação Física na rede municipal e estadual de São Paulo. E-mail: gi\_giliane@hotmail.com

<sup>2</sup> Possui graduação em Psicologia pela UNITAU (1994), especialização em Educação e Sociedade pela UNITAU (2006), mestrado em Ciências Sociais (Antropologia Urbana) pela PUC/SP (2007). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de São Paulo (UNIFESP). Professora Departamento de Psicologia na UNITAU com experiência na área de Formação Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: tecnologias e saúde, processos de subjetividades na contemporaneidade, violência e gênero. E-mail: rosafrugoli@ig.com.br

breaking the expected standards. The conclusion is the need to work with gender issues in school reviewing stereotypes established in the society.

**Key – Words:** games, gender conflicts; school.

## INTRODUÇÃO

A sociedade na atualidade revela suas características androcêntrica e sexista<sup>3</sup>, em que desde a descoberta do sexo biológico na vida uterina, as crianças têm suas vidas traçadas, sobre as expectativas de seus familiares, acerca do que irão gostar de fazer, de usar, quais profissões terão e etc. Cria-se sobre cada um, o estereótipo da forma adequada de ser menino e de ser menina (BÍSCARO, 2009; COUTO, 2008; DAOLIO, 1997; SANTOS; SOUZA, 2010; OLIVEIRA et al., 2011; VIANNA; FINCO, 2009).

Desde cedo diversas meninas são presenteadas com brinquedos em miniaturas de utensílios domésticos e bonecas, e os meninos com carrinhos e bolas de futebol. Tais presentes representam uma preparação para futuro papel que a sociedade deseja que essas crianças ocupem, para meninas os de dona de casa e criadora dos filhos, para os meninos, alguém que adora carros e futebol (PEREIRA, 2004; ROMERO,1994).

Abreu (1992), Rangel e Darido (2005) e Romero (1994) relatam que os pais não proporcionam para seus filhos e filhas uma educação igualitária, uma vez que em sua maioria, os meninos são mais livres e dispõem de mais liberdade do que as meninas, visto que jogam bola nas ruas, escalam muros, arremessam pedras, andam livremente de bicicletas, sobem em árvores e desempenham dezenas de outras atividades que lhes favorecem o desenvolvimento da motricidade ampla, e esse comportamento masculino tem total assentimento dos pais, vizinhos e amigos. Embora, haja nos grandes municípios poucos locais para lazer, os espaços de expressões corporais mais livres são mais direcionados a meninos do que as meninas. As meninas, de um modo geral, são desencorajadas ou até mesmo coibidas de praticarem determinadas brincadeiras e atividades, ao passo que são incentivadas

---

<sup>3</sup>Para Smigay (2002), sexismo refere-se a discriminação advindas às pessoas de outro sexo, sobretudo de outro gênero social, atribuindo qualidades e defeitos reconhecidos como “naturais” de cada sexo. Cabe ressaltar, que este fenômeno legitima a violência contra as mulheres e à aqueles que são reconhecidos como tendo uma posição feminilizada.

a brincar de bonecas “cuidando” dos bebês, costurar, pintar, auxiliar a mãe nas tarefas domésticas e a participar de outras atividades “tipicamente femininas” e dessa forma, desenvolvem como consequência a motricidade fina (ABREU, 1992; RANGEL; DARIDO, 2005; ROMERO, 1994).

Considerando esta perspectiva em que a sociedade produz comportamentos, atitudes, compreensões sobre formas de gênero, nesta pesquisa o questionamento recaiu sobre situações e contextos em que a criança resolve romper com essa fronteira de gênero socialmente estipulada, ou seja, decide escolher brincadeiras ou brinquedo como não adequados ao seu sexo biológico.

Nessa ótica, o presente estudo teve como objetivo geral identificar se meninos e meninas do 1ª ano do ensino fundamental aceitam as fronteiras de gênero determinadas pela sociedade ou se as rompem. E como objetivos específicos se propôs a identificar: a) quais são os comportamentos das outras crianças diante daquelas que ultrapassam as fronteiras de gênero em determinadas situações; b) quais posturas se manifestam dessa menina ou menino rompedor diante das possíveis reações das outras crianças; c) os rompimentos são mais frequentes em meninos ou meninas; d) se de fato esses rompimentos ocorrem ou todas as crianças participantes já expressam uma obediência aos padrões sociais.

O primeiro ano do ensino fundamental marca o início de uma nova etapa na vida da criança. Na nova escola, ela tem contato com crianças mais velhas, com diversos professores e se vê diante de um mundo mais amplo do qual estava acostumada na Educação Infantil. Logo, é um momento propício para refletir sobre os conflitos de gênero presentes em seu contexto de sociedade machista.

Nessa ótica, considera-se que essa pesquisa contribuirá de maneira significativa na reflexão dos professores e familiares quanto aos conceitos apresentados às crianças no processo de formação, como quanto suas metodologias, refletindo se seus métodos questionam ou reproduzem o sexismo social, a fim de que docentes e familiares apostem em uma educação com equidades de oportunidades.

Corroborar-se com Romero (1995) quando a autora afirma ser imprescindível avaliar com cautela os métodos de socialização das crianças aplicados tanto na escola quanto na família, pois uma sociedade que se sustenta baseando-se na separação entre classes e sexos, diferenciando os mais ricos dos mais pobres, os homens das mulheres, esta se manterá sempre injusta.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo desenvolveu-se por meio de uma pesquisa mista, que conforme define Johnson et al. (2007) apud Tréz (2012), corresponde ao tipo de pesquisa em que o pesquisador faz uso de elementos de abordagem do método qualitativo e quantitativo, a fim de acrescer e perscrutar o conhecimento e sua corroboração.

Nesta pesquisa houve, na perspectiva quantitativa, em um primeiro momento a intenção de verificar e quantificar crianças que romperiam as fronteiras de gênero estipuladas socialmente.

Em um segundo momento, após coleta de dados por meio da discriminação dos alunos que romperam as fronteiras de gênero estipuladas socialmente, houve por meio qualitativo, registro de relato dos motivos que levava cada uma destas crianças a terem este comportamento, tido como não esperado socialmente. Além dos registros houve o procedimento de observação durante toda inserção da pesquisadora em campo.

A pesquisa foi realizada na EMEF José Américo de Almeida, localizada na cidade de São Paulo. A população de estudo foi constituída por cento e dezoitos crianças, sendo sessenta e dois meninos e cinquenta e seis meninas, que compunham quatro turmas de primeiro ano do ensino fundamental, são elas: sala do 1ºA, 1ºB, 1ºC, e 1ºD, cada turma era composta por aproximadamente trinta alunos.

A coleta de dados da pesquisa desenvolveu-se durante as aulas de Educação Física de cada turma, sendo assim as turmas foram observadas de forma individual, a coleta de dados durou três semanas, em que na primeira semana a investigação se deu na quadra poliesportiva, na segunda semana na brinquedoteca e na terceira semana na sala de aula.

A fim de alcançar objetivos propostos, meninos e meninas foram colocados diante de três situações propositais, nos ambientes citados acima, as quais eles sempre tinham opções de escolha de como poderiam agir.

As três situações propositais foram:

Situação 1. Na quadra: a pesquisadora explicou que eles poderiam escolher uma entre as opções para brincar durante a aula, a opção 1 era jogar futebol no espaço 1 e a opção 2 era brincar com bambolê, cordas e bola de voleibol no espaço 2.

Situação 2. Brinquedoteca: os alunos foram levados a brinquedoteca da escola, que é organizada de forma sexista, ficando do lado esquerdo os brinquedos considerados femininos, e do lado direito os brinquedos considerados de masculinos. A pesquisadora orientou que todos podiam brincar à vontade pela brinquedoteca.

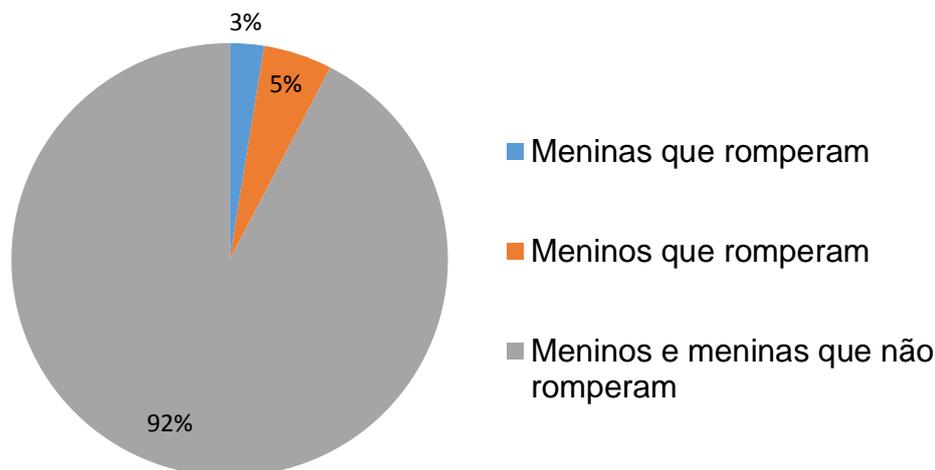
Situação 3. Cor da folha e desenho: na sala de aula, os discentes receberam a informação de que deveriam desenhar na folha as brincadeiras que mais gostassem de brincar, e que para isso poderiam escolher a cor da folha de sulfite que gostariam de usar. A pesquisadora foi passando individualmente em cada mesa, e mostrando um bloco de folhas azuis e outro bloco de folhas rosas, solicitava que cada criança escolhesse a cor que queria. O propósito era observar se os desenhos realizados apresentavam algum rompimento de gênero, tanto na brincadeira desenhada e ou na cor do sulfite escolhida.

Conforme relatado, a pesquisa se deu de forma individual em cada turma e a análise dos resultados foram codificados com percentual do total (quantitativa) e as crianças que rompiam as fronteiras de gênero foram analisadas individualmente, com perguntas abertas (qualitativo), caracterizando assim o estudo como uma pesquisa mista. O foco qualitativo deu-se a fim de analisar as atitudes das crianças e compreende-las sob as indicações dos autores utilizados nas questões das relações de gênero.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O Gráfico 1 apresenta o resultado da observação feita na situação 1, ou seja, na quadra, em que as crianças tinham opções para escolher do que queriam brincar, no espaço 1 ficariam aqueles e aquelas que escolhessem o futebol, no espaço 2 aqueles e aquelas que preferissem brincar com cordas, bambolês e uma bola de voleibol.

**Gráfico 1. Quadra Poliesportiva**



Observa-se que 92% (n=109) escolheram o que a sociedade esperava que eles escolhessem. Já 8% (n=9) romperam os padrões sociais e escolheram o oposto do que lhes era esperado, sendo que 3% (n=3) correspondem a rompimentos femininos e 5% (n=6) rompimentos masculinos.

As três meninas que quiseram jogar futebol, neste estudo receberam codinomes de Jennifer e Vitoria (turma 1°C) e Yamili (turma 1°D), da mesma forma que todos os demais sujeitos analisados tiveram também sua identidade preservada<sup>4</sup>.

Na turma 1°C, Jennifer e Vitória receberam relatos por partes de alguns meninos, que diziam que futebol era coisa de menino, que mulher não sabia jogar futebol, as duas meninas não responderam a tais comentários e seguiram jogando, participando ativamente da partida. Já Yamili da turma 1°D não sofreu nenhuma manifestação de aceitação ou rejeição sobre seu comportamento.

Os rompimentos por parte dos meninos se deram por Artur, Breno, Isac, Bruno e Paulo (turma 1°D) e Richard (turma 1°A). Não houve nenhum indicio de estranhamento por parte dos demais alunos da turma 1°D, no entanto na turma 1°A, foi observado que as meninas manifestaram-se com uma expressão de estranhamento ao verem que Richard preferiu ir brincar com elas, uma delas fez uso do comentário “Eita! O Richard escolheu vim para o lado das meninas”. Importante frisar que em nenhum momento foi dito as crianças que determinada brincadeira ou espaço era de menina ou menino.

---

<sup>4</sup> Os codinomes foram usados na perspectiva de se garantir o sigilo dos participantes.

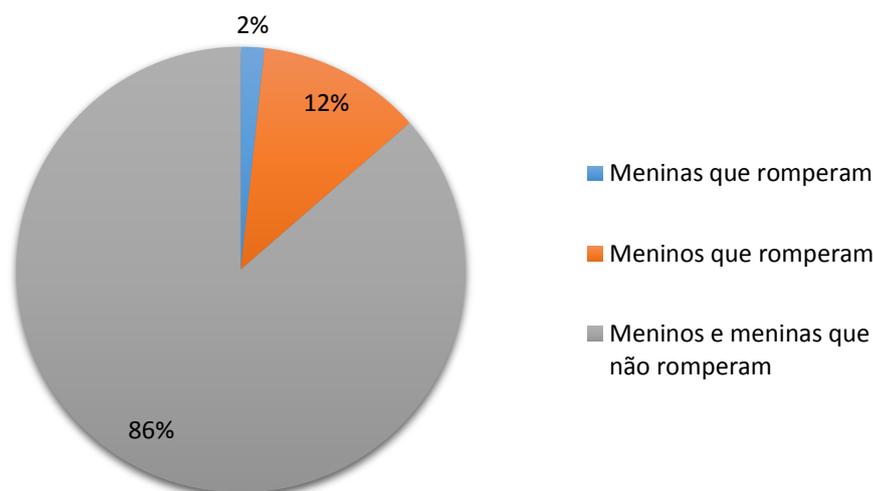
Interrogando cada uma dessas crianças que romperam as fronteiras de gênero nessa situação 1, a fim de verificar o motivo que as levaram a escolherem aquelas atividades, as respostas foram quase que unânimes, as meninas disseram que porque gostam de futebol, e os meninos porque não gostam de futebol, o único que apresentou comentário diferente foi o aluno Paulo, que relatou escolher a opção 2 pois disse que lá era mais legal, tinha mais opções de brincadeiras.

Observa-se então que no caso dos meninos, o rompimento quando ocorreu em grupo, não sofreu qualquer tipo de manifestação de preconceito ou relatos que contrariavam seu comportamento, mas quando ocorreu com uma única pessoa gerou manifestação de estranhamento por parte das meninas.

Em relação as meninas, percebeu-se que a rejeição dos meninos da turma 1°C estava mais ligada ao fato de Jennifer e Vitória, segundo eles, não conhecerem as regras. Cabe ressaltar que neste último aspecto houve indícios de que meninos do 1°C apresentaram tolerância quando a criança menos habilidosa no futebol é do sexo masculino.

Em se tratando de atividades esportivas, Zuzzi e Knijnik (2010) relatam que na maioria das vezes meninas são inscritas nas aulas de balé e ginástica e os meninos nas escolinhas de futebol e lutas, raramente ocorrendo o oposto. Caso surja o interesse da criança em vivenciar uma atividade que é socialmente tida como apropriada para o sexo oposto, é comum notar, segundo autores, a preocupação da família com opção sexual de seu filho ou filha. Desta forma, observa-se que o controle do corpo de meninos e meninas inicia-se com a atitude dos pais e mães ao definirem as atividades mais adequadas aos seus filhos, com intuito de evitar que as crianças fujam do padrão heterossexual, impedindo a ampliação do repertório motor de meninos e meninas (ZUZZI; KNIJNIK, 2010). Embora os pais não estavam presentes, há de se considerar neste caso, manifestações de conceitos definidos socialmente quanto ao que é ou não adequado a determinado grupo ou pessoa.

**Gráfico 2. Brinquedoteca**



Na brinquedoteca o número de crianças que romperam foi maior do que na quadra, correspondendo a 14% do total (n=16), sendo 2% (n=2) rompimentos femininos e 12%(n=14) rompimentos masculinos. Contudo, a maioria das crianças continuavam dentro do padrão imposto pela sociedade.

Para discussão dos resultados, o termo “brinquedos femininos” e “brinquedos masculinos” foram usados, no entanto, seguindo por aspas, a fim de mostrar que essa é uma visão da sociedade e não da pesquisadora.

Nessa situação 2 foi possível observar como comportavam-se os alunos que haviam rompido na situação 1.

Em relação as meninas, Jennifer e Vitória (turma 1°C), que na situação 1 haviam se interessado por futebol, na brinquedoteca em nenhum momento mostraram interesse pelos “brinquedos masculinos”, interessaram-se por bonecas, utensílios de cozinha em miniatura. Jennifer até ficou uma parte do tempo demonstrando manifestações de insatisfação porque não conseguia brincar com a boneca que vinha com carrinho de bebê, e notou-se de longe seu sorriso quando conseguiu pegar a boneca. Questionadas do que elas mais gostavam de brincar, Vitória disse que de casinha e Jennifer respondeu que de boneca. Já Yamili (turma 1°D) passou todo tempo brincando com as miniaturas de ferramentas, ora brincava de concertar algo, ora usava a furadeira pra simular uma arma de brinquedo e brincar de polícia e ladrão

com um colega. Perguntada qual era sua brincadeira favorita na brinquedoteca, ela disse que mecânica.

Aline (turma 1ºA) completa o grupo das duas únicas meninas que romperam na brinquedoteca, na quadra ela preferiu ficar na parte de bambolês e cordas, mas na brinquedoteca ela dividiu seu tempo, metade brincando de casinha e a outra metade na mecânica, com as ferramentas. Quando perguntada do que ela mais gostava ela disse que era da cozinha e perguntada por que estava nas ferramentas, então ela disse que era porque tinha um brinquedo semelhante em casa que pertencia ao irmão e ela gostava de brincar.

Em relação aos meninos os rompimentos se deram em maior número, foram 12% (n=14). Dentre os quatorze, apenas três brincaram o tempo todo nos “brinquedos femininos” e os outros onze oscilavam, ora se interessando por “brinquedos femininos”, ora por “brinquedos masculinos”.

Richard (turma 1ºA) que na situação 1 havia escolhido brincar com cordas e bambolê, na brinquedoteca brincou com carrinho de feira, utensílios de cozinha em miniatura, pulou corda, usou fantasias com saia rosa, e quando encontrou uma pluma rosa, brincou com ela até final da aula. Relatou durante esta situação que o que ele mais gostava era de carrinho, mas que não tinha brincado com carrinho ainda naquele dia porque não estava afim. Acrescentou ainda, sobre cores, que sua favorita era azul e que naquele momento estava gostando de brincar com a pluma porque ela voava.

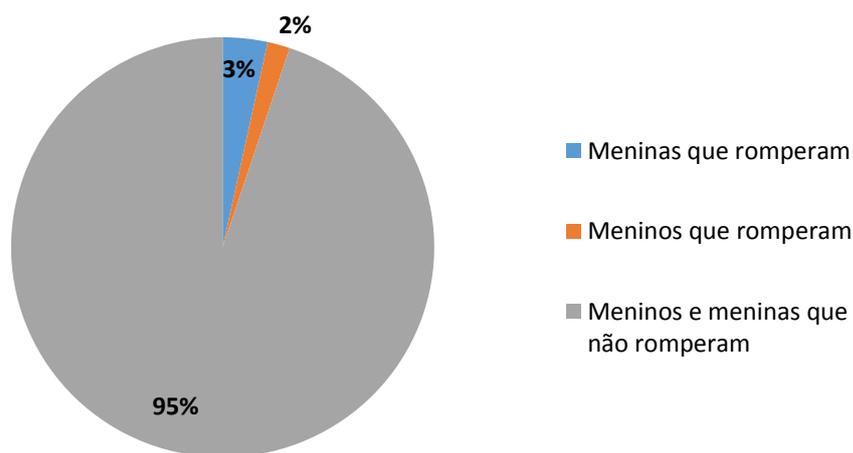
Bruno (turma 1ºD) também na situação 1 havia escolhido a parte de cordas e bambolê, e na brinquedoteca ficou tempo todo nos utensílios de cozinha em miniatura, perguntado qual era sua brincadeira favorita, ele apontou para os fantoches e somente tinha ido lá “um pouquinho”. Perguntado se ele não gostava do que estava brincando (casinha), ele disse que sim, em seguida, com muita dificuldade ele disse que era de casinha.

João (turma 1ºB) na situação 1 escolheu jogar futebol, na brinquedoteca ficou a maior parte do tempo brincando com as meninas de casinha, ora ele brincava de ser o filho, ora com as panelinhas e fogãozinho. Foi observado que em algum momento ele havia se afastado e estava no canto transparecendo que estava bravo, ao ser perguntado o que tinha acontecido, ele disse: “as meninas me despediram da brincadeira”. As meninas justificaram que era porque ele estava bagunçando, posteriormente o aceitaram de volta, mas disseram que ele não podia bagunçar.

Os demais meninos tiveram participações mais rápidas, intercalando ora em utensílios de cozinha e depois indo para os “brinquedos masculinos”.

Nesta premissa, Bíscaro (2009), Couto (2008), Daolio (1997), Santos e Souza (2010), Oliveira et al. (2011), Vianna e Finco (2009) acreditam que desde pequenas as crianças são educadas para serem meninos e meninas, ou seja, são condicionadas de acordo com seu sexo a agir de determinadas formas e a ter certas preferências. Recebem expectativas em relação à diferença de comportamento que se deseja para um e para o outro, apoiando-se nas diferenças biológicas. Assim, a sociedade direciona as meninas a optarem por escolher bonecas e acessórios de cozinha em miniatura como brinquedos prediletos, o que implicitamente acarreta em prepará-la para futuro papel de mãe e dona de casa, enquanto aos meninos são incentivados os carrinhos, ferramentas mecânicas em miniatura, bolas, mostrando que ao homem é atribuída a tarefa do trabalho, portando, corrobora-se com os autores na ideia de que a sociedade mantém uma ideologia sexista, que diferencia os brinquedos de acordo com o sexo.

**Gráfico 3. Cor da folha e desenho da brincadeira favorita**



A observação de escolha pela cor da folha e o desenho da brincadeira favorita, foi a situação em que se encontrou os menores índices de rompimentos.

Em relação aos meninos houve apenas 2% (n=3), Nicolas (Turma 1°C) foi um deles, escolheu folha rosa e desenhou uma mistura de coisas dentro de uma casa, tais como florzinha, borboletas, carrinhos e passarinhos, disse que estava brincando de carrinho. Foi possível observar que um menino da turma de Nicolas, chamado

Thiago manifestou atitudes sexistas em relação a escolha da cor da folha, pois a todo momento fazia comentários de que a cor rosa era de menina e a azul de menino. Mesmo sob a orientação da pesquisadora de que cada um poderia escolher a cor que desejasse, Thiago se mantinha intransigente na opinião de que menino deveria escolher azul e menina rosa.

Guilherme (turma 1ºD) também escolheu a cor rosa e o desenhou brincando de skate e empinando pipa, perguntado por que ele escolheu aquela folha, ele disse que queria cor laranja, e essa cor parecia mais. Na sala de Guilherme as manifestações sexistas se deram por parte das meninas, em que uma delas comentou: “Guilherme escolheu folha de menina”, e as demais do grupo riram.

Willian (turma 1ºD) escolheu folha azul, desenhou andando de skate, porém uma sequência de pequenos corações.

Os demais meninos todos escolheram folhas azuis e desenharam brincadeiras socialmente tidas como de meninos ou neutras, inclusive os que em outros momentos haviam rompido.

Quanto as meninas, os rompimentos foram de 3% (n=4). Yamili (turma 1ºD) aparece novamente, caracterizando assim rompimentos nas 3 situações avaliadas, ela escolheu folha azul e a desenhou jogando futebol. Na turma de Yamili as manifestações de estranhamento também ocorreram apenas por parte de um grupo pequeno de meninas, já os meninos não demonstraram qualquer sinal de reprovação.

As outras três meninas que escolheram folha azul foram a Evellyn, Ana Carolina, Rianna (turma 1ºB), que não haviam rompido nas situações anteriores, nessa situação escolheram folha azul, mas os desenhos feitos eram “brincadeiras de menina”. Na sala das meninas não houve nenhuma manifestação sexista, pelo contrário, ao passo que uma escolheu azul, as amigas do grupo também escolheram.

Nesta ótica, os resultados caminham em acordo com os dizeres de Unbehaum (2010, p.31), “A escola e os educadores não estão subtraídos da cultura mais ampla, estão nelas imerso”. Logo a postura das crianças, está relacionada a forma qual a qual elas estão sendo educadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se refletir no decorrer desse estudo se meninos e meninas do 1<sup>a</sup> ano do ensino fundamental aceitam as fronteiras de gênero determinadas pela sociedade ou se as rompem. Por meio da pesquisa de campo, foi possível identificar que ainda que em menor número, esses rompimentos ocorrem, uma vez que trinta e duas manifestações de rompimento puderam ser observadas durante a coleta de dados, ou seja, meninas escolheram o que a sociedade classificaria como sendo apropriada para meninos e meninos optaram por escolhas adequadas as meninas, aos olhos de uma sociedade machista.

Observou-se que meninos costumam romper mais do que as meninas, uma vez que das trinta e duas manifestações, nove foram femininas e vinte e três foram masculinas. Interessante destacar que essa diferença significativa se tornou evidente principalmente na situação brinquedoteca, em que quatorze meninos se interessaram em brincar com miniatura de utensílios de cozinha, e apenas duas meninas brincou com ferramentas mecânicas ou carrinhos.

Em se tratado do questionamento se existia um preconceito sexista por parte das crianças que não romperam, em relação as que estavam rompendo, na coleta de dados foi possível observar que esse preconceito existe. Manifestações preconceituosas foram observadas em todas as situações, no entanto a maior evidencia encontrou-se na escolha da cor de sulfite para desenho livre, visto que um menino não aceitava a hipótese de que rosa pudesse ser usado para menino e azul para menina.

Nesse estudo também foi possível identificar que há crianças que rompem sem se importar com o que os colegas vão pensar, já há outras que possuem receio, e tentam disfarçar que estão rompendo as fronteiras de gênero, conforme observado na situação brinquedoteca, em que ao interrogar algumas crianças do porque estavam brincando com determinado brinquedo, por ser um brinquedo tido socialmente como do sexo oposto e a criança já ter enraizado nela essa informação, tentava disfarçar que estava brincando daquilo.

O fato de algumas crianças apresentarem manifestações de timidez, ao serem observadas rompendo as barreiras de gênero socialmente estipuladas, e então tentarem camuflar esses rompimentos, pode indicar que a influência de nossa sociedade sexista já permeia as experiências dos pequenos e que possivelmente eles

não compreendam o motivo, tais como: Por que será que eu não posso brincar no fogãozinho? Por que será que não posso brincar com boneca? Por que não posso gostar de futebol? Por que tenho que gostar de futebol? Por que não posso brincar com carrinho?

Nossa sociedade sexista responderia aos questionamentos acima argumentando que há brinquedos que são para meninas e outros para meninos, e que essa separação seria importante para garantir o padrão heterossexual. Contudo, o que a escolha do brinquedo tem a ver com a orientação sexual ou identidade de gênero? Um menino que escolhe brincar com a pluma rosa, pode gerar aos olhos de muitos que o observam um preconceito de que esse menino será homossexual, quando na verdade ele apenas gostou do brinquedo porque quando joga no ar o brinquedo voa.

Portanto, é preciso quebrar o paradigma de que há brincadeiras de meninos e outros de meninas, uma vez que as crianças devem ser livres para brincarem do que sentirem vontade, e que em nada tais brincadeiras influenciarão em seus desejos ou orientações sexuais que irão se formar muitos anos depois.

Nessa ótica, considera-se de suma importância que a escola, ou seja, os seus professores, abordem em suas aulas reflexões sobre os conflitos de gênero e o sexismo presente na sociedade, a fim de contribuir na formação das crianças, propiciando que elas se tornem sujeitos críticos reflexivos, isto é, que não aceitem o que lhe é imposto sem refletir com criticidade sobre esses conceitos.

Uma vez que em nada adianta a escola agir sozinha é fundamental incluir os familiares das crianças nessas discussões, assim é oportuno realizar programas de conscientização de pais e professores sobre os danos, que inconscientemente eles causam ao coíberem a liberdade de escolha das brincadeiras de meninos e meninas.

A criança que têm frequentemente suas vontades barradas, poderá vir a ser uma criança frustrada, infeliz, incompleta, por isso é de suma importância que estereótipos sejam quebrados e que crianças sejam livres para escolher suas brincadeiras e experiências de acordo com sua realidade de escolha e não exclusivamente por meio de modelos impostos dentro de características sexistas e homofóbicas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, N. G. Meninos pra cá, meninas pra lá? In: VOTRE, S. J. (org.). **Ensino e avaliação em educação física**. São Paulo: Ibrasa, 1992. p.101-120.

ALMEIDA, G.D. Conflitos de gênero na escola: um olhar atento para a prática pedagógica dos professores de Educação Física. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. v.13, n.4, p. 57-66, 2014.

BÍSCARO, C. R. R. **A construção das identidades de gênero na educação infantil**. 2009. 138p. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2009.

COUTO, H. R. F. **A criança e as manifestações lúdicas de rua e suas relações com a Educação Física**. 2008, 129p. Dissertação ( Mestrado em Educação) Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2008.

DAOLIO, J. **Cultura: Educação Física e Futebol**. Campinas – SP: Unicamp, 1997.

TRÉZ, T. A. Caracterizando o método misto de pesquisa na educação: um continuum entre a abordagem qualitativa e quantitativa. **Atos de Pesquisa em Educação – PPGE/ME**. v. 7, n. 4, p. 1132-1157, dez. 2012.

OLIVEIRA, K.; SILVA, E.S.; SALVA,S. Relações de Gênero e Educação. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, v 24, n. 02, p. 101-110 – jul./dez., 2011.

PEREIRA, S. A. M. **O sexismo nas aulas de Educação Física: uma análise dos desenhos infantis e dos estereótipos de gênero nos jogos e brincadeiras**. 2004. 171p. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

RANGEL, I. C.; DARIDO, S. C. Jogos e Brincadeiras. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

ROMERO, E. (org.). **Corpo, Mulher e sociedade**. Campinas: Papirus, 1995. p.270-235

\_\_\_\_\_. A Educação Física a Serviço da Ideologia Sexista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.15, n. 3, p. 226-234, janeiro 1994.

SANTOS, P.J.; SOUZA, E.Q. Práticas sexistas na Educação Infantil: Uma questão de Gênero. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer - Goiânia, vol.6, n.11; p. 01 – 08, 2010.

SMIGAY, K. E. V. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 32-46, jun. 2002

UNBEHAUM, S. A Educação Física como espaço educativo de promoção da igualdade de gênero e dos direitos humanos. In: KNIJNIK, J. D ; ZUZZI, R.P. (orgs). **Meninas e meninos na Educação Física: gênero e corporeidade no século XXI**. 1. ed. Jundiaí,SP: Fontoura, 2010. cap.1 p. 23-38.

VIANNA, C.; FINCO,D. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos pagu (33)**, p. 265-283, julho-dezembro de 2009.

ZUZZI, R. P ; KNIJNIK, J. D. Do passado ao presente: Reflexões sobre a história da Educação Física a partir das relações de gênero. In: KNIJNIK, J. D ; ZUZZI, R.P. (orgs). **Meninas e meninos na Educação Física: gênero e corporeidade no século XXI**. 1. ed. Jundiaí,SP: Fontoura, 2010. cap.3, p. 59-70.